

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação neste projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada de sua história. Então eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser sem ter preocupações em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento e como era esse lugar e as pessoas que moravam lá.

Entrevistada: Meu lugar de nascimento é a Bahia. A baía de Todos-os-Santos, a terra do axé, da alegria, do Candomblé e do negro. Da trança, do afoxé e do quê? Das festas e do meu trabalho que é a trança, eu me sinto bem. Trabalho aqui há sete anos, tranço os cabelos, faço penteado afro e distribuo beleza, porque eu sou uma negra africana e tenho muita beleza que os turistas agradada, gosta de ver.

Entrevistadora: Como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

Entrevistada: Eu quando eu era criança, eu gostava muito de jogar bola, minha mãe sempre falava: "Está fazendo o que aí, no meio dos meninos?" [ri] Eu sempre jogando bola, mas e minha profissão, eu, na época, eu não usava o meu cabelo trançado, eu não usava trança no cabelo, já era minha irmã que trançava o cabelo. Então-- Espera aí, espera aí, espera aí. Tira aí, Padu. Eu jogava muito bola com os meninos, era o baba, ficava no meio dos meninos, jogando baba, ela me chamava e na época eu não usava trança no cabelo, quem fazia a trança era a minha irmã.

Aí, minha mãe sempre empatou, eu jogar bola. Então daí, eu comecei a ficar perto da minha irmã para poder aprender a trançar cabelo, porque, na época, eu não usava trança, mas eu sempre gostava de fazer trança. Então eu tinha que pedir para minha irmã trançar meu cabelo. Aí, eu ficava na casa dela, ela trançava o meu cabelo e nisso eu fui aprendendo, não fiz curso nenhum, eu aprendi, faço todos tipo de trança hoje, todos penteados, mas não fiz curso, nem nada, mas eu faço qualquer penteado que você pedir. Então hoje, eu trabalho aqui para mim mesmo, sou autônoma e faço todos os tipos de cabelo. Então eu sou uma cabeleireira.

Entrevistadora: Fale sobre seus pais e avós, de onde eles eram?

Entrevistada: Meu pai é daqui também de Salvador, minha avó, falecida já, é daqui de Salvador, minha vó era uma pessoa muito boa aqui, ela morreu, hoje já tem uns nove anos, era uma pessoa excelente que até hoje eu não esqueço dela, sempre ela ficava na casa de minha mãe e na casa de minha avó, na casa de minha mãe e na casa de minha avó. Ia direto com ela para feira, sempre saía, quando ela precisava, sempre era eu que ia com ela. É uma pessoa muito boa também minha vó.

Entrevistadora: E quais eram as profissões ou trabalhos de seus pais, de sua mãe, de seus avós?

Entrevistada: Com o quê?

File name: VFOA Brazil M d J S.MP3

Entrevistadora: As profissões ou trabalhos deles?

Entrevistada: Meu pai trabalha na SOCIMEL, uma firma de carro e a minha mãe trabalha em outra firma que é a Rádio City, negócio de consertar aparelho de som, rádio, essas coisas, televisão, computador, profissão dela é essa, trabalha lá.

Entrevistadora: O que você lembra de seus pais e avós? O que você lembra que eles faziam, comiam, bebiam ou falavam?

Entrevistada: Meu pai bebia, dia de domingo, ele saía com a gente para a praia, parque. Minha mãe sempre ficava em casa, meu pai tinha um carro, na época, porque hoje, agora, são separados eles, mas na época em que eu era pequena, que nós todo mundo estava junto, ele sempre final de semana saía com a gente, nunca ficava em casa, sempre ele botava todo mundo dentro do carro e a gente saía para passear.

Entrevistadora: Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança? Era diferente?

Entrevistada: Eu quando eu era criança?

Entrevistadora: Como era trabalhar como trançadeira, quando você era criança?

Entrevistada: Não, eu já vim trabalhar já agora grande já, quando eu era pequena, eu não trabalhava aqui trança, não. Eu já vim agora já grande, depois de casada já. Que eu tenho três filhos hoje. Na época da minha infância eu não trabalhava, não, só fazia brincar mesmo. Eu já vim trabalhar depois de grande já.

Entrevistadora: Como você aprendeu a fazer o que você faz? Você tem alguma estória sobre isso?

Entrevistada: A estória que eu tenho e essa que eu ia para casa da minha irmã, que eu aprendi com ela. Minha irmã, ela vendia acarajé e trançava cabelo a domicílio, e na época eu queria trançar o cabelo. Como ela não cobrava de mim dinheiro, ela cobrava de outra coisa. Eu ia para casa dela para fazer faxina, eu lavava as panelas que ela vendia acarajé. Eu passava uma semana. Todo o dia eu lavava as panelas, todo o dia ela pegava no meu cabelo. Cada um dia ela fazia um pouquinho, para não acabar logo, para eu não ir embora.

Para terminar a semana. Ela só terminava no sábado o meu cabelo que era para eu ir para casa da minha mãe com o cabelo trançado, mas ela ficava todo o dia fazendo um pouquinho, para todo o dia quando ela chegasse- ela fazia um pouco e ia trabalhar, quando voltava pegava um pouquinho. Aí ela acabava, aí eu ia lavar as panelas, no outro dia ela pegava, sabe? E ia assim para não acabar logo, para eu ficar lá ajudando ela. Era assim que eu pagava ela.

Entrevistadora: Você gosta de comer?

Entrevistada: De comer? Muito. [ri] É, o que eu mais gosto é de comer.

Entrevistadora: E quais são as suas comidas preferidas?

Entrevistada: Eu gosto de caruru, vatapá. Eu gosto de peixe, camarão, bobó de camarão. Eu gosto de feijão, mocotó, dobradinha. Essas comida forte assim, eu como muito essas comida com azeite é o que eu mais gosto.

Entrevistadora: Você pode compartilhar uma receita? Com nós?

Entrevistada: Compartilhar, como assim que se fala?

Entrevistadora: Uma receita de algum prato de cozinha que você conheça?

Entrevistada: Falar para você? O prato que você podia fazer? A comida baiana. Eu gosto demais da comida baiana. Comida baiana é o que? O caruru, é o vatapá, feijão fradinho. É o bobó de camarão, arrumadinho, é o xinxim de galinha.

Entrevistadora: Você cozinha em sua casa?

Entrevistada: Cozinho, às vezes, mas quem cozinha mais é meu marido. Ele é que faz a comida em casa.

Entrevistadora: Você gosta de cozinhar?

Entrevistada: Eu não gosto muito, não, de cozinhar, não. Porque eu não sei muito cozinhar, porque quem faz a comida lá em casa mesmo é meu marido. É ele que sabe cozinhar melhor do que eu. O meu forte é limpar casa, cuidar nas coisas, é roupa, nas coisas de casa. Agora, a cozinha na parte da comida é ele. Agora o que eu digo, assim: "Hoje eu quero comer isso." Aí ele faz, sabe?

Entrevistadora: Você gosta da música?

Entrevistada: Gosto, muito. Principalmente o reggae. Sou regueira.

Entrevistadora: E que tipo de música você prefere?

Entrevistada: O reggae, Bob Marley, Edson Gomes, Gregory Isaacs, falecido já. Lucky Dube, Lauryn Hill. Sou muito apaixonada por reggae. Gosto das outras músicas, mas se for para botar na frente eu prefiro o reggae.

Entrevistadora: Você canta?

Entrevistada: Canto assim, às vezes estou distraída e começo cantar as músicas. Não é cantar no palco, não, é cantar pra mim mesmo. Para me sentir feliz, botar o ar para fora.

Entrevistadora: Você pode cantar algo para meu?

Entrevistada: Pode.

Entrevistadora: Que música?

Entrevistada: Espera aí, deixa eu me lembrar de uma música agora. Vamos lá. Há dias na vida que a gente pensa que não vai conseguir. Há dias na vida que a gente pensa em sumir. Eu gostaria de ficar com você um pouco mais. Eu gostaria de ficar com você um pouco mais. E a turma lá em casa já está apaixonada com a minha decisão. É que não tenho mais nada nem mesmo a namorada que me deu o coração. Eu gostaria de ficar com vocês um pouco mais. Eu gostaria de ficar com vocês um pouco mais. Eu sou, eu sei que sou a ovelha negra da família. Eu sou, eu sei que sou a ovelha negra da família.

Entrevistadora: Muito obrigada. Muito obrigada. Você tem alguma frase, algum provérbio preferido, alguma expressão ou dito popular?

Entrevistada: Eu tenho. Vá-se embora, vá. O meu provérbio é-- Espera aí, só um instantinho. Está gravando agora? Tira aí, tira aí. Não, porque eu quero perguntar uma pessoa um negócio. Não.

Entrevistadora: Que religião você pratica?

Entrevistada: Eu sou católica.

Entrevistadora: E que tão importante é a religião para você?

Entrevistada: Para mim não tem importância nenhuma. A minha importância é que eu sou católica, e não frequento religião nenhuma. Eu só digo que eu sou católica, e pronto. E tenho fé no meu Deus, que é o único que eu tenho fé. E é forte, e fixe.

Entrevistadora: Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião? Você incorpora as suas crenças religiosas em sua profissão?

Entrevistada: Incorporo sim, porque eu trabalho aqui dia a dia junto com todos os tipos de coisas, então eu chego aqui, abro o meu ponto, e a única coisa que eu chamo é por Deus mesmo, é o Pai, é o Todo Poderoso.

Entrevistadora: Qual é o nome de sua profissão ou trabalho?

Entrevistada: Eu sou trançadeira.

Entrevistadora: E que você pensa sobre sua profissão ou trabalho?

Entrevistada: Eu penso-- Eu penso muita coisa, porque a minha profissão é essa, trançadeira. Eu dependo do povo para trançar cabelo. Fico pensando assim no amanhã, que eu sou autônoma, trabalho para mim mesmo, não dependo de carteira assinada, nem nada. Eu fico tão preocupa no meu futuro depois, porque cada dia que passa aqui o Pelourinho cai, os turistas somem. Uma época dessas, que já era

File name: VFOA Brazil M d J S.MP3

para estar cheio, a gente olha assim tudo vazio. Eu me preocupo muito com a minha profissão.

Entrevistadora: Como você começou a trabalhar nesta profissão?

Entrevistada: Quando eu comecei? Quem começou primeiro foi minha irmã. Aí ela veio trabalhar aqui no Pelourinho num salão. Aí desse salão ela me chamou, comecei a trabalhar com ela. Eu passei um tempão no salão. Aí depois estava tendo umas trançadeira de rua. Aí eu disse: "Olhe, não vou ficar aqui o tempo todo nesse salão. Eu vou procurar um canto para mim." Aí o pessoal estava todo mundo se cadastrando na época, estava fazendo o cadastro das trançadeira de rua. Eu trabalhava lá, mas eu sempre me informava. Eu digo: "Vou estar fazer escada para ninguém subir, vou procurar, é o meu." Aí eu fui lá em cima no terreiro entrar em contato com a menina que estava inscrevendo.

Aí eu me inscrevi. Entrei na associação das trançadeiras, que é uma associação. Aí pronto. Daí ela mandou eu escolher o ponto que eu queria trabalhar. Eu escolhi aqui essa rua. Na época eu ficava do outro lado ali. Aí escolhi ali o ponto, aí pronto. Aí falei para o pessoal do salão que eu agora eu estava num ponto e tudo estava aqui embaixo. Aí pronto. E o salão já estava caído, a dona já tinha ido-- Estava viajando, tinha deixado o salão já comigo. Aí eu dei a chave à mãe dela, tudo. Não tinha movimento, que eu não tinha condição de pagar água, luz, sem ter movimento. Aí pronto, fiquei aqui na rua. Peguei meu ponto, comprei minhas coisinhas e fiquei aqui na rua até hoje.

Entrevistadora: Quanto--

Entrevistada: Raíssa, não vamos pegar não, viu?

Entrevistadora: Quanto tempo faz que você trabalha nesta área, o Pelourinho?

Entrevistada: Tem nove anos que eu trabalho nessa área.

Entrevistadora: E que coisas você gosta de trabalhar aqui e que coisas você não gosta de trabalhar aqui?

Entrevistada: Eu gosto de trabalhar aqui. Eu só não gosto como agora mesmo. Estava tendo muito roubo aqui, muito assalto. E a gente que trabalha aqui o dia todo, que vê, que depende do turista, a gente tem que ser obrigado ver o ladrão roubando o turista, nós não pode fazer nada. Que a gente não somos polícia. E acaba quem perdendo é a gente, porque a gente depende do turista. Aí já passa para outro lá fora: "Ai, fui roubado no Pelourinho, não sei o quê." Aí tanto turista que quer vir para cá conhecer o Pelourinho, já não vem mais, como agora mesmo. Era uma época que era para estar cheio de gente aqui no Pelourinho. E o guia. Que eu tenho muitos contatos com guia, com o pessoal que trabalha com turista, eles mesmo falam para a gente que os gringos estão com medo de vir para cá por causa dessas coisas que estão vendo na internet tudo, assalto. Ninguém quer vir para cá

para ser roubado. Aí a gente perde muito isso, tanto eu como os lojistas também que trabalham aqui.

Entrevistadora: Você trabalhou num outro lugar?

Entrevistada: Já, trabalhei numa agência de turismo.

Entrevistadora: Que coisas você gosta de sua profissão?

Entrevistada: Eu gosto de trançar cabelo. Eu gosto de criar penteado. Eu mesmo crio penteado, trança, faço de outro tipo. O cliente chega: "Ah, o que que você acha aqui do meu cabelo?" Aí eu crio, olho assim. Eu digo: "Ó, isso aqui vai ficar bem em você." Aí eu já crio uma trança, já crio um penteado. E o cliente se sente bem. Então, para mim isso é ótimo.

Entrevistadora: O que não gosta de seu trabalho?

Entrevistada: Que se saia.

[risos]

Entrevistada: Não é não, é? Não, que se saia.

Entrevistadora: você tinha outros trabalhos antes?

Entrevistada: Eu trabalhei na agência de turismo. Já tomei conta de criança. Já fiz faxina. Já lavei roupa de cama. Fiz de tudo um pouco.

Entrevistadora: Como você pensa que os turistas ouvem a você?

Entrevistada: Como ele me ouve?

Entrevistadora: Como eles veem a você?

Entrevistada: Como eles me veem?

Entrevistadora: É.

Entrevistada: Bom, pelo menos o turista que passa aqui que me vê aqui sentada, trabalhando, chamando, tem muitos que entendem a minha língua, e tem muitos que não entendem. Mas o que não entende a minha língua, eu já falo com as mãos, fazendo gestos, mostrando. Eles estão vendo aqui que eu estou mostrando um tererê, uma trança. Eles estão vendo que eu estou trabalhando. É, ele está vendo o meu uniforme aqui ó, bem grande "trançadeira", então, eles têm que me-- Como eu vejo ele como uma pessoa boa, o turista que está chegando aqui nessa cidade, eles têm que me ver também como uma pessoa bem trabalhadeira e honesta.

Entrevistadora: Como é sua relação com as pessoas da Bahia?

Entrevistada: A minha relação é ótima com as pessoas que eu conheço, e com as pessoas que eu não conheço eu tento me relacionar também, fazer amizade. Sou uma pessoa comunicativa com todo mundo.

Entrevistadora: Você tem uma relação diferente com os homens que com as mulheres?

Entrevistada: Eu não. Tenho não.

Entrevistadora: Você tem filhos?

Entrevistada: Tenho, três, duas meninas e um menino.

Entrevistadora: Fale sobre eles, seus vidas, seus trabalhos. Quais são suas esperanças e expectativas para eles?

Entrevistada: Agora já vamos falar de outras coisas que é bem importante. Meus filhos são meus- outras pessoas também, que me ajudam muito, que umas pessoas que nunca se afastaram de mim. Eu fiquei aqui o tempo todo, a minha gravidez com eles aqui, eu tive--

Criança: Estou olhando. Vou lá na biblioteca, viu?

Entrevistada: Tive eles, com 15 dias eu já estava aqui. Eles foram criados aqui, praticamente, no Pelourinho. Todo mundo conhece ele, e se formou até umas crianças artistas. Porque meu filho toca no Olodum. Já fez várias propagandas. Minha filha também. Hoje ela é cartão postal comigo. Então, uma coisa já cria a outra. Às vezes, dá um trabalho, mas ao mesmo tempo o pessoal vem aqui, eu com eles, já chama para poder ter apresentação, para tocar, negócio de foto, trabalho. E já me ajuda,

Porque eles ganham também o dinheiro deles, e já me ajuda também. Já crio as crianças artistas. Já vai no caminho, já ensino qual é o caminho. Mostra a eles, eles veem aqui o dia todo a realidade, veem aí quando os policial está prendendo, veem o bocado de menino na rua. "Essas [ininteligível 00:19:42] eu digo: "Ó, está vendo aí? Aí é sem mãe." Mostro tudo a eles. São umas crianças que já nascem, já está dentro, já está vendo tudo já.

Entrevistadora: Quais são as suas esperanças para seus filhos e filhas?

Entrevistada: A minha esperança é de um futuro melhor, um futuro melhor. O que eu faço por eles para amanhã ou depois ele reconhecer o caminho, a minha luta que eu fiz para ele amanhã ou depois ser um- ele e ela ser uma pessoa de bem, trabalhar para conseguir os ideais deles também.

Entrevistadora: Você está ensinando as suas filhas a fazer o que você faz?

Entrevistada: Se eu estou ensinando? Não, eu não estou ensinando. Mas minha filha, de estar aqui comigo, de ver meu trabalho, ela já sabe, a de cinco anos já sabe trançar cabelo, o menino de 12 anos já faz tererê, já faz trança, só não faz tiara. Mas faz tudo, tererê, trancinha. Às vezes, eu estou aqui cheia de clientes, estou trançando cabelo, e eu digo: "Vá ali, Caio, faça ali o da menina." E ele faz certinho o tererê e a trança. Já sabe fazer já. Que bom. Isso é bom.

Entrevistadora: Você gostaria que elas continuem fazendo seu trabalho?

Entrevistada: Não. Eu gosto porque isso é na hora aqui do intervalo deles. Quando eu chego de manhã que tem trança para fazer, eles faz. Meio-dia eu arrumo, vai tudo para a escola. E quando não tem aula, dia de sábado que eu trabalho aqui, que tem trança para fazer, eu prefiro que eles fiquem fazendo, me incomodo, não.

Entrevistadora: Você morou num outro estado?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Você participa em algum grupo ou organização?

Entrevistada: Não, só a Associação das Trançadeiras, só isso que eu participo.

Entrevistadora: E pode falar sobre sua participação nesta organização?

Entrevistada: A minha participação é quando tem reunião, que chama para a gente falar o que é que está de errado, o que é que está acontecendo, o que é que a gente está precisando no Pelourinho. Tem reunião, e aí eu vou para falar que estou precisando de segurança, de policiamento. Só isso. Porque eu trabalho aqui, a outra amiga trabalha lá, então eu não tenho nada com as minhas parceiras de trabalho, eu tenho assim, ver com a segurança do turista que chega. E eu canso de ver assalto, roubo ali adiante e não posso fazer nada. Aí eu vou sempre para pedir segurança, botar os policiais nas esquinas, que, às vezes, falta.

Entrevistadora: Que tipo de relações você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

Entrevistada: Essa daqui ó, a relação que eu tenho [ri] com ela. Ela trabalha aqui, ela também. Então, me serve. Porque eu trabalho na rua, ela me serve um cafezinho, me serve uma água. Isso é importante. Eu ter amizade. É muito importante.

Entrevistadora: E com as outras mulheres trançadeiras?

Entrevistada: Tenho, também, relação. Às vezes, eu estou com o cliente, aí chega outro, aí eu já tenho o telefone da outra amiga. Eu digo: "Oi. Está ocupada agora? Vem aqui que tem uma cliente." Aí elas vêm, me ajudam. Sempre todas as minhas parceiras eu não tenho problema nenhum.

Entrevistadora: Você gostaria de falar de algo mais, que não falamos até agora?

Entrevistada: Não, porque o que tinha de falar eu já falei.

Entrevistadora: Pode dizer-me qual é seu ano de nascimento?

Entrevistada: É 26 de janeiro.

Entrevistadora: De que ano?

Entrevistada: De 1975.

Entrevistadora: Qual é o último ano da escola que você alcançou?

Entrevistada: Eu estudei até a quinta.

Entrevistadora: E sua profissão ou trabalho?

Entrevistada: Não, para mim não é profissão nenhuma.

Entrevistadora: E onde você mora? Qual é o nome de seu bairro?

Entrevistada: Largo do Tanque.

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação. Se você tem perguntas ou você deseja agregar algo à sua participação, você pode falar comigo. Obrigada.